

Resenha: Protestantismo e história: Brasil e França na visão de Émile Léonard / organizador Marcone Bezerra Carvalho. – 1ª.ed. – São Paulo: Editora Mackenzie, 2013. – (Coleção fundamentos cristãos; v.3).

Wellington Bomfim Lago
mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Apresentação

Na apresentação da obra feita pelo prof. João Baptista Borges Pereira destaca-se Émile Leonard como o primeiro historiador a sistematizar pesquisas na academia brasileira a partir de meados do séc. XIX, atuando como docente na Universidade de São Paulo; ressalta também que a presente obra trás ao leitor brasileiro escritos de Léonard, fruto de um trabalho intenso de pesquisas que tem como tema central o protestantismo, com a ressalva de nem sempre concordem entre si, em virtude de terem sido escritos em tempos diferentes.

Introdução

O autor relata que seu interesse em se aprofundar por E. Leonard foi reforçado principalmente por ter no início de suas pesquisas percebido que nada havia sido produzido que efetivamente mostrasse a contribuição do historiador para o protestantismo brasileiro; aduz que após pesquisas em diversas bibliotecas e artigos conseguidos por intermédio dos próprios filhos de Léonard, aprofundou a pesquisa em sua dissertação de mestrado na Universidade Presbiteriana Mackenzie, com textos que até então só haviam sido disponibilizados na Europa. Guillaume Jules Émile Leonard, nascido em 30 de julho de 1891 no Sul da França, onde se doutorou, ganhou projeção internacional na história da Reforma e do Protestantismo, e trazido ao Brasil por Lucien Febvre, lecionou na Universidade de São Paulo por três anos, voltou a Paris para assumir a direção da École Pratique des Hautes Études; posteriormente ministrou conferências em diversos países, como Suíça, Suécia, Alemanha, Estocolmo e Áustria.

Émile G. Léonard no Brasil

Roger Bastide aduz que Émile Leonard se dedicou entre os anos de 1948 a 1950 como professor de história moderna contemporânea na Universidade de São Paulo sem deixar de acompanhar seus alunos na França, e para isso alternava seis meses em cada país; o texto não pretende analisar seus artigos sobre o protestantismo brasileiro, mas sobre a pessoa, ações e influências como “Émile Leonard Brasileiro”. O ensino de Léonard era voltado a história econômica e social, que juntamente com os demais estrangeiros deveriam dar a esta nova ciência métodos próprios com novas perspectivas, mais especificamente a História Social do que a Economia, e com ênfase na primeira exatamente por ser um grande historiador do protestantismo; as duas qualidades que ele destacava era seu espírito irênico, pois não apenas amava mas também compreendia os outros, se interessando não apenas pelos protestantes mas também pelos

católicos, inclusive entendendo que o protestantismo não era uma expressão de revolta contra o catolicismo mas a realização de suas necessidades profundas; sendo assim, escreveu “*O Protestantismo Brasileiro*”, estudo de eclesiologia e de sociologia religiosa, publicada na “Revista História de São Paulo”, além de diversos artigos, apresentando assim, o protestantismo francês.

O primeiro artigo de autoria de Léonard “*Necessidades e diretivas de uma nova concepção de história da igreja*” ressalta que as histórias do protestantismo e do catolicismo são apresentadas sob duas formas, com o primeiro desconhecendo o fundamento e seus ensinamentos históricos, e por outro lado o segundo chegando inclusive a criar a Sociedade da História da Igreja da França, agrupando os ensinamentos e as publicações no sentido de instruir os padres e leigos no que se refere à aprendizagem histórica, bem como aos aspectos importantes da vida religiosa, como a caridade; sendo assim, é importante que o protestantismo francês se coloque com mais afeição no campo da história eclesiástica, por ser o cristianismo composto de duas histórias, e um protestante que conhece a sua pode escrevê-la cobrindo as lacunas que faltam ao católico.

O segundo artigo “*Brasil, terra de história*”, Léonard conta que embora ter recebido sugestões para que não viesse ao Brasil pois “não encontraria material para pesquisa”, muito surpreendeu um de seus interlocutores ao solicitar detalhes sobre uma comunidade que esse participara duas décadas antes, ressaltando também que cada historiador vai ao encontro dos problemas de sua profissão em decorrência de seus aprofundamentos como especialista, e conforme circunstâncias foram aparecendo (espirituais, eclesiásticas, políticas) ele concluiu que o protestantismo brasileiro não estava impregnado com infertilidade espiritual ou pensamento herético, mas desabrochado de piedade católica; nesse mesmo tempo, padres reagiram com um breve movimento, que ficaram nos anais da *História das perseguições religiosas no Brasil*, embora não refletir o que efetivamente foram as verdadeiras perseguições; no que se refere a comparação entre a inserção do protestantismo na Europa e no Brasil, o conversionismo autóctone tem muito mais expressão do que a força missionária.

O terceiro artigo “*Experiências espirituais francesas e brasileiras*” ao escrever para um jornal Émile Léonard ressalta que o protestantismo brasileiro é o maior do contexto latino naquele tempo, ultrapassando o protestantismo francês; menciona também que o protestantismo ao se debruçar sobre questões intelectuais, quase abre mão da piedade; o que faltava ao catolicismo, na época da Reforma, era a Doutrina, pois embora existisse ampla espiritualidade nas multidões, faltava-lhe sistemas e verdades que correspondessem às suas necessidades; com o falecimento de Napoleão, houve uma restauração religiosa no catolicismo e no protestantismo, passando esse último a reagir de forma mais pietista.

No quarto artigo “*Experiências eclesíásticas francesas e brasileiras*”, Léonard explica que ao lado das experiências espirituais do protestantismo francês que estão no terreno eclesíástico, natureza e organização também podem ser de interesse da igreja brasileira, bem como a maneira de pertencer a ela pode ser de duas formas: a de multidão e a de professantes, sendo que grandes reformadores como Calvino e Lutero optaram pela primeira; a partir de 1848 defensores das igrejas tentaram dar nova forma a Igreja Reformada, passando a chamá-las de Igrejas Evangélicas Livres, alicerçadas às verdades bíblicas e com a cisão da igreja com o Estado e mundo; igrejas fervorosas que se abriram para o mundo, apesar de não serem numerosas como os metodistas e batistas, a expansão alcançou tanto a aristocracia quanto os operários, com essa diversidade de igrejas culminando no pluralismo eclesíástico.

No quinto artigo, denominado “*1548-1848. Dois grandes aniversários da fidelidade à doutrina evangélica*” Léonard ressalta a importância de Lutero, falecido em 18 de fevereiro de 1546, por esse dar grande ênfase sobre os deveres dos clérigos, devendo ser vistos como “arautos da verdade”; também pela sua preocupação com a Doutrina, pois dedicou sua vida para a manutenção de sua pureza, além de publicar em 1545 um contundente trabalho contra o papado. Ressalta também que após 1789 com a Revolução Francesa o protestantismo passou a ter um verdadeiro declínio espiritual, inclusive com a Bíblia perdendo seu lugar e deixando de ser estudada. Somente após o movimento de restauração religiosa que se chamou “O Despertar de 1830”, oriundo da Inglaterra e Suíça, ao chegar em solo francês é que houve o avivamento espiritual, embora não deixando de ter lutas nas igrejas, mormente no que se referia a assuntos como dogma, profissão de fé e concordata. Após a Revolução de fevereiro de 1848, que instituiu a Segunda República na França, inicia a supressão da união das igrejas com o Estado; longas discussões na imprensa protestante ocorreram antes do Sínodo Geral, ocorrido em 11 de setembro de 1848 no Oratório do Louvre, culminando na constituição das Igrejas Evangélicas Livres, “*para manter a sã doutrina, a profissão individual da fé, e a distinção entre a igreja e o mundo*”.

O sexto artigo intitulado “*Saudação ao Presbitério Conservador*” trata-se de uma homenagem póstuma feita através de uma reedição das palavras de Émile Léonard por ocasião da “*X Reunião Ordinária do Presbitério Conservador*”. Na ocasião, Léonard ressaltou a admiração e o reconhecimento que tinha pelo Protestantismo Brasileiro, cujo número já ultrapassara o da “raça latina” na Europa, e sua conquista se dera em virtude de um método calcado na clareza e liberdade; ressaltou também que duas grandes tendências no passado dividiram o protestantismo francês: liberal e ortodoxa, culminando nas Igrejas Reformadas e nas Igrejas Evangélicas Reformadas, respectivamente. Posteriormente a Primeira Grande Guerra, um movimento de união foi ganhando força e após o ano de 1938 foi criada a Igreja Reformada da França, que embora criada em um ambiente de entusiasmo e esperança não conseguiu a unanimidade dos reformadores franceses, mas que Léonard acredita que as igrejas protestantes do Brasil teriam

simpatia pelas igrejas da França. Finaliza dizendo que as igrejas devem ser fiéis à doutrina, evangelizadoras e discipuladoras através das Escolas Dominicais.

O sétimo artigo intitulado “*O denominacionalismo no protestantismo brasileiro*” expõe questões como o êxito do protestantismo brasileiro como uma das principais marcas da Reforma nos tempos modernos, conseguindo amplo progresso desde sua inserção menos de cem anos antes; ressalta que embora o denominacionalismo importado fosse aceito sem maiores dificuldades, o Brasil criou um próprio que foi agrupado em duas grandes denominações: a importada, formada pelos imigrantes alemães nos estados do sul do Brasil e oriundos da Igreja Evangélica Alemã, e a autóctone, criado pelo Padre Conceição após se converter por intermédio dos missionários presbiterianos e desde cedo dedicando sua vida na evangelização independente ao longo das grandes rodovias, por Miguel Vieira Ferreira, após uma visão direta do Cristo, e fundou a “Igreja Evangélica Brasileira” em 1879 e por último, no ano 1903, com o Rev. Eduardo Carlos Pereira, que constituiu a Igreja Presbiteriana Independente.

O oitavo artigo denominado “*O Evangelho no Brasil*” Émile Léonard ressalta a expansão das igrejas oriundas da Reforma em solo brasileiro, iniciando em 1855 com a Igreja Congregacional e com os presbiterianos em 1859. No recenseamento de 1940 os fiéis já tinham ultrapassado a marca de um 1.000.000 e em 1950 mais de 1.500.000; nesse interim, enquanto a Igreja Católica contava com pouco mais de 6.300 padres, as igrejas reformadas contavam com aproximadamente 2.000 “obreiros”; quando em 1855 o Dr. Robert Reid Kalley se estabeleceu em solo brasileiro como primeiro missionário com a pregação protestante no país e fundando em 1863 a Igreja Evangélica do Rio (Igreja Evangélica Fluminense), essa foi a primeira comunidade protestante verdadeiramente brasileira; em agosto de 1859 o Rev. Simonton desembarca e logo em seguida seu cunhado, Rev. Blackford, que posteriormente transferiu-se para São Paulo, onde veio a conhecer aquele que seria um dos maiores evangelistas do protestantismo moderno: José Manuel da Conceição, ex-padre que veio a ser ordenado pastor presbiteriano e por isso ficou conhecido como “padre protestante”.

No nono artigo “*Protestante francês e protestante brasileiro*”, Léonard traça um paralelo entre esses dois “protestantismos”, afirmando inicialmente que embora diferentes, possuem pontos de semelhança; faz algumas alusões como o protestante francês sendo um *homem do passado* pertencendo a classes sociais elevadas, e o protestante brasileiro pertencente a todas as classes sociais; enquanto *homem de uma mensagem*, com ambos os protestantes convergindo na pregação do Evangelho; enquanto *homem de uma esperança*, ao se manterem esperando o *messianismo*, embora a espera do brasileiro ser considerada mais ativa; por último, o brasileiro também se destaca como um *homem de uma mensagem*, pois desenvolveu rápido progresso de sua fé tendo como convicção ser um convocador, o que permitiu sua

rápida evolução, ainda que com pouco contingente e em curtíssimo espaço de existência se comparado com o francês.

No décimo artigo “A formação de uma sociedade protestante no Brasil” Émile Léonard ressalta que a História do Cristianismo tem como base o dogma da encarnação e formou um corpo-protestante de imigrantes portugueses, italianos e principalmente nativos, sendo esses últimos alguns compostos por intelectuais, como o padre José Manuel da Conceição, considerado o primeiro grande evangelista, o aristocrata Miguel Vieira Ferreira e o romancista Júlio Cesar Ribeiro Vaughan, bem como as famílias Maciel (Minas Gerais), Nogueira Paranaguá (sul do Piauí) e Cunha (São Paulo); todos esses deram notáveis contribuições fomentando a nova fé no imenso território brasileiro, partindo de uma forma rural em direção a uma burguesia protestante e urbana, sendo um elemento fundamental a figura do pastor, alguns encarregados de cuidar de diversas comunidades, viajando por milhares de quilômetros para o desempenho de seu ministério, muitos já com idade avançada para desempenhar tal mister; fazem parte dessa sociedade brasileira não apenas os de organização “presbiteriana”, mas também os “pentecostistas”, detentores de uma espiritualidade marcada pelas emoções religiosas, dons espirituais de curas e línguas, mantendo forte apelo popular.

O décimo primeiro artigo “*Introdução à obra Bandeirantes da Fé*”, de Maria de Melo Chaves, traduzido e publicado por Léonard, ressalta que embora Coligny e posteriormente Maurício de Nassau tentassem implantar o protestantismo no Brasil, isso somente aconteceu em 1855 com missionários congregacionais, em 1859 com presbiterianos, em 1860 com episcopais, em 1867 com metodistas e em 1871 com batistas; no entanto, o resultado proveitoso ocorreu apenas em 1889, após o estabelecimento da República Brasileira; posteriormente outros movimentos foram ganhando espaço, como os adventistas e pentecostais, cuja história leva o protestante a refletir menos no pecado do homem e mais em um Deus que quer se servir desse mesmo homem, ainda que pecador.

O décimo segundo artigo cujo título é “*A confissão de fé brasileira de 1557*” expõe o conceito de Confissão como “exortações ou exclamações com tendência a tornar-se, a partir da metade do século, exposições teológicas, provocadas ou não pela controvérsia”; quando Coligny enviou ao Brasil os quatro missionários huguenotes Jean du Bordel, Matthieu Vermeil, Pierre Bourdon e André Lafon, esses escreveram a pedido de Villegagnon a “*Confissão de Fé da Guanabara*”, pois esse determinou que após presos, os huguenotes franceses professassem por escrito a sua fé no prazo de doze horas; certamente nunca houve uma Confissão de Fé escrita em tão pouco tempo, especialmente porque um deles estava doente, dois estavam temerosos e du Bordel, embora contar apenas com a Bíblia em mãos, se utilizou de Santo Agostinho, Santo Ambrósio, São Cipriano e Tertuliano, conseguindo elaborar uma confissão que

se aproximaria daquela que, em 1559, alicerçaria a doutrina das igrejas francesas e dos escritos de Calvino.

O organizador da obra descreve um capítulo como “Sumário Bibliográfico do protestantismo brasileiro”, ressaltando que esse não foi publicado e que também não tem registro de sua data, tendo aparentemente sido escrito entre 1951 e 1952, mas que sua menção é importante tendo em vista que revela as obras as quais Léonard se baseou para escrever textos sobre o protestantismo, pelas observações feitas sobre tais fontes lidas e também pela necessidade de disponibilizar obras que são imprescindíveis aos estudiosos da área, e foram divididas em: 1 – Estudos do Conjunto; 2 – Estudos sobre as Diferentes Denominações; 3 – Biografias; e 4 – Diversos.

O último artigo possui o título “*Sérgio Milliet e a defesa da cultura francesa no Brasil*” não foi publicado e o organizador informa que tem uma anotação no verso da última folha “*Ao escritor Sérgio Milliet – homenagem de seus amigos e admiradores. 20/09/1948*” e dá ênfase no destaque que a cultura francesa teve no Brasil, que ocorre desde a “época colonial” e aparenta querer recriar o ambiente da França Antártica que seus imitadores dos séculos XVI e XVII tentaram iniciar na baía do Rio de Janeiro e Maranhão; o Brasil vivenciou diversos estabelecimentos franceses, com vários trabalhadores juntamente com suas famílias, igrejas e a Faculdade de Filosofia de São Paulo, composta por professores e alunos profundamente conhecedores da cultura francesa; São Paulo, cidade da aristocracia e burguesia, e grande centro intelectual do Brasil foi a terra escolhida pelo francês, com livrarias abastecidas de obras escritas em sua língua, mas traduzidas para o português, em mesmo patamar que se encontram os romances americanos.

A obra finaliza com dois anexos: o Anexo I, com o título “*O problema do messianismo em suas relações com o nacionalismo entre os negros brasileiros (Teoria Sociológica)*”, com origem no conceito de ressentimento de Nietzsche o qual Weber traça um paralelo, onde de um lado existe as classes populares e do outro os excluídos da sociedade, e o Anexo II, que tem como título “*Análise de O índio brasileiro e a Revolução Francesa. As origens brasileiras da teoria da bondade natural, de Affonso Arinos de Mello Franco*”, que trata da importância do índio no Brasil na ideologia do “bom selvagem”, já tratada por autores franceses e ligada ao roseauismo.

